

## O aldeão, o rei e o sheik

Era uma vez um persa que chegou à Cidade do Cairo para medir seus talentos com os dos homens sábios da corte real, já que ele dizia ser um vizir letrado em sua própria terra.

Por causa disso o Rei do Egito mandou buscá-lo, e devido à sua reputação o elevou a uma alta posição em sua corte.

Então os grandes homens de AI Azhar, a Universidade Dourada do Islã, foram dizer ao rei:

- Ó Grande Sombra de Deus sobre a Terra, Porta da Sabedoria e Jóia do Mundo, permiti que esse forasteiro nos faça uma pergunta que não possamos responder e nós o reconheceremos como nosso superior. Se ele não puder fazê-lo solicitamos que seja enviado de volta ao seu país.

O rei concordou e ordenou a seus nobres que se reunissem com ele no salão de audiências.

Houve então uma grande assembléia no grande salão, e todos os homens mais inteligentes da Terra estavam lá. A um sinal do rei, o sábio persa levantou-se de seu lugar e fez um gesto para eles sem dizer nenhuma palavra. Os sábios do Cairo ficaram todos confusos e disseram:

- Ó senhor, não podemos supor o que esse erudito persa quer dizer. Dai-nos um prazo de seis dias para que possamos conversar entre nós e tratar de entender isso.

O rei concedeu-lhes seis dias para resolverem o problema, e todos se foram em diferentes direções.

Nos cafés e nos gabinetes dos eruditos sheiks, a pergunta era formulada uma e outra vez:

- O que queria dizer o sábio persa? Como poderia ser respondido para ser enviado de volta a seu país?

Mas, ainda que as cabeças se empenhassem dia e noite parecia não haver resposta.

Então um dos sheiks falou:

- Encontremos um homem do povo que nada saiba sobre ensinamentos e perguntemo-lhe o que isso significa. Quem sabe se, em sua ignorância, ele possa encontrar a resposta como fazem as crianças às vezes.

Assim, um velho sheik foi aos bazares do Cairo e ali, justamente fora das portas de AI Azhar, encontrou um camponês recém-chegado do interior que estava vendendo algumas cenouras e um ovo. O sheik segurou-o pelo ombro e disse-lhe:

- Ó filho meu, venha comigo, pois desejo falar com você.

O pobre aldeão ficou muito amedrontado e seu rosto empalideceu. Escondeu o ovo e o amarrado de cenouras dentro da camisa, pois pensou que o velho sheik de longas barbas os ia pedir, já que não tinha idéia do que poderia lhe acontecer na grande cidade.

O sheik vendo que o homem estava assustado, tratou de acalmá-lo e perguntou:

- Qual é o seu nome, meu bom companheiro?

Ao que o camponês respondeu:

- Abdulla, ó grande sheik - e ficou em silêncio, perguntando-se como poderia escapar, já que se sentia deslocado, parado ali falando com um homem de barba espessa e tamanha sabedoria e conhecimento como este sheik de AI Azhar.

- Bem, Abdulla - disse o sheik, - quero que você venha comigo até um nobre persa que fala apenas por sinais e quero que lhe responda da mesma maneira. Esse persa nos desafiou a todos aqui do Cairo para uma competição sem palavras, apenas por sinais. Bem, se você fizer isto, e o fizer com êxito, será bem recompensado.

- Ó senhor, que viva para sempre - chorou Abdulla. – Ficarei muito agradecido, porque tenho uma dívida e hoje não pude vender nem minhas cenouras nem este ovo, apesar de tentar fazê-lo com muito afinco.

- Companheiro - disse o sheik, - venha comigo e o apresentarei aos outros sheiks que já disputaram com esse persa em linguagem de sinais, sem êxito algum.

Quando os outros sheiks viram o camponês quase morreram de rir pois ele tinha um aspecto cômico com seu largo e tosco rosto, sua camisa remendada, seus pés descalços e suas mãos calejadas. No entanto colocaram um grande manto sobre suas costas, um turbante em sua cabeça e finas botas de couro no seus pés. Não puderam tirar-lhe o pacote de cenouras nem o ovo, que ele escondeu dentro da camisa, junto ao peito. Arrumado dessa maneira, Abdulla foi conduzido à disputa com o persa no grande salão de audiências. Vizires e emires se reuniram em um grande círculo em volta do rei.

O rei sentou-se em seu trono de mármore e disse:

- Em nome de Deus, o Misericordioso, permitamos que essa discussão comece.

Os escravos negros golpearam os gongos e os procedimentos começaram. O persa levantou-se de seu almofadão, fez uma reverência e sentou-se de novo. Também o camponês se sentou em um divã baixo, com o mesmo interesse que teria se estivesse em um curral de gado.

Então o persa se levantou de seu almofadão, sinalizou com o dedo ao camponês e Abdulla respondeu sinalizando com dois dedos. Os cortesãos olhavam, prendendo a respiração.

O persa levantou a mão e a manteve no alto por alguns segundos, ao que o camponês respondeu pondo, deliberadamente, a sua mão sobre o chão.

O persa pegou uma caixa, abriu-a, tirou uma galinha jogou no camponês. Abduila pôs sua mão dentro da camisa, tirou o ovo e o atirou no persa.

Nisto o persa sacudiu a cabeça e disse a todos os sábios presentes:

- Vede, esse vosso sheik respondeu à minha pergunta e eu agora sou um de seus discípulos.

O rei ficou muito satisfeito e deu ao simples Abdulla uma boa recompensa, suficiente para mantê-lo em estado de prosperidade por várias luas. Os cortesãos voltaram para suas casas tão confusos como quando haviam chegado ao salão de audiências da primeira vez.

O sheik que havia trazido Abdulla ao salão de audiência lhe disse, antes que ele voltasse para o seu povo:

- Você o fez bem e com valentia, querido jovem, mas me diga o que significam todos aqueles gestos que você e o persa se fizeram durante a disputa.

- Bem, senhor - disse Abdulla, - assim foi como eu os entendi. Quando o cavaleiro apontou seu dedo para mim, pensei: isto significa que está dizendo "se você não mantiver seu olho aberto eu meterei meu dedo nele, assim". E então eu respondi com os dois dedos, querendo dizer: "eu meterei os dois dedos nos seus olhos se pretende fazer algo". Então, quando levantou sua mão e a manteve erguida por vários segundos, pensei que estava dizendo: "se você me vencer penduro-o no teto". Quando ele fez esse gesto eu me zanguei e pus minha mão no chão, o que queria dizer: "se me tratar assim eu o atirarei ao chão e lhe despedaçarei o cérebro". Então, quando me viu levando a melhor, ele pegou aquela caixa contendo a galinha para me dizer que tinha o hábito de comer a carne dos frangos mais finos. Ao que eu atirei o ovo, que havia levado comigo, para mostrar que também tinha o hábito de comer coisas boas, como por exemplo, ovos cozidos e coisas assim. Como você viu, ele ficou convencido de minha lógica e disse que queria ser um de meus discípulos.

Bem, como o persa estava para voltar para Isphahan na caravana seguinte, o sheik foi vê-lo partir e disse:

- Ó erudito persa, dissei-me como nosso jovem amigo foi capaz de disputar convosco, uma vez que ele não sabia nem uma palavra de vossa linguagem. Que significados tirastes dos seus gestos?

- Somente os significados corretos, naturalmente – respondeu o persa. - Certamente vosso jovem foi muito inteligente. Em todas as nações em que apresentei esta controvérsia não havia encontrado até agora ninguém que pudesse responder corretamente às minhas perguntas.

- Por favor, dissei-me, para que eu também possa me beneficiar - pediu o outro.

O persa respondeu:

- Sabei, ó sheik, que quando eu levantei meu dedo para ele, a primeira vez, foi como se dissesse: "não há Deus senão o Deus, o Único". Sobre o que, levantando seus dois dedos, ele me deu a compreensão de que Deus é Deus, e Maomé o seu profeta. Quando levantei minha mão ao alto em direção ao teto por alguns segundos, era como se dissesse: "Deus sustenta os céus sem pilares". E ele pôs sua mão no chão para responder-me que Deus era Deus da terra tanto quanto do céu. Então eu joguei a galinha para ele dizendo-lhe que Deus produz a vida da morte. Ele replicou, ao mostrar-me o ovo, que Ele produz a morte da vida. Deste modo foi como recebi as respostas às minhas perguntas, que fiz em cada capital da Ásia, às quais não havia obtido respostas até agora, o que me deixou muito satisfeito. Que grande cérebro deve ter certamente o seu amigo! Que Deus o bendiga!

Assim o sheik de AI Azhar tomou seu caminho, maravilhando-se pelo estranho da vida e pela curiosa maneira como duas pessoas tão diferentes em mente, como o persa e o aldeão, podiam ser capazes de conversar por gestos e ficarem ambos inteiramente satisfeitos, sem que quisessem absolutamente dizer a mesma coisa.

GRILLO, Nícia de Queiróz (Org.) Histórias da tradição Sufi. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1993. 259 ps.

Aletria – Contos e Histórias